



Pe. Danie Nascimento | Assistente Nacional

## ESCOLHE A VIDA! (DT 30,19)



Vivemos em tristes tempos de guerra: Ucrânia, Israel, Gaza... e mais alguns outros lugares que não têm tanto destaque mediático. Como é possível hoje falar de paz e ser construtor dessa paz que desejamos? Uma resposta possível, encontramos-la no lema deste triénio: Sê quem tu quiseres. É uma frase que não deve ser lida de uma forma polémica! Alguns poderão dizer que não é um tema cristão, na medida em que pareceria esquecer que a nossa identidade nos foi dada, que fomos amados desde o início... mas não me parece que devamos ir por aí. Certamente que, se sou o Daniel, não posso transformar-me no António ou no Manuel, esquecendo-me de quem sou e deitando fora a minha identidade. Diria, ao invés, que o nosso lema deve ser lido à luz do poderoso desafio bíblico de Deuterónimo 30,19: «Ponho hoje diante de ti a vida e a morte, a bênção e a maldição. Escolhe a vida para viveres, tu e a tua descendência.» Como as varas bifurcadas dos Caminheiros tão bem ilustram, há sempre caminhos a escolher. Escolhe a Vida! Como? Continua o texto: «...amando o SENHOR, teu Deus, escutando a sua voz e apegando-te a Ele, porque Ele é a tua vida» (v. 20).

Ser quem quisermos é uma forma de concretizar este desafio divino de escolher a Vida. Esta mesma Vida que recebemos, esta identidade que nos define, não vem «con-

gelada» dos céus, mas é sempre proposta e interrogação para todos, afirmação de uma liberdade que nos precede e acompanha, e assim permite-nos tomar as direções que a nossa consciência aponta. A nossa vocação é para a santidade, se lermos a vida em chave cristã. Mas o Deus que te criou sem ti, não te salvará sem ti, dizia Santo Agostinho. Podes escolher qual é o teu caminho. Não é uma inevitabilidade. Não podes dizer «não tive outra opção», «não havia outra escolha». Nas coisas fundamentais da vida, tens sempre caminhos a escolher. Sobretudo este, o do amor. O já referido Santo Agostinho também disse, de forma ligeiramente provocatória, «ama e faz o que quiseres». Ou seja, se amares - a Deus e ao próximo -, então necessariamente aquilo que fazes está «contaminado» com esse amor, e o que vais querer fazer é uma consequência da vivência dessa mesma entrega a um Bem maior.

Os líderes políticos destes países em guerra, bem como os líderes (também os portugueses) de amanhã, deveriam ter sempre isto em mente, porque - como o passado bem o mostra - há sempre possibilidade de fazer a paz. Às vezes uma paz pequenina, precária e frágil... mas ainda assim, paz!

Por onde irá começar? ■